

Interface Educação

EDUCAÇÃO SEXUAL: ALGUMAS REFLEXÕES

Cícera Honório Feitosa (1)
Virgínia Torquato Calou (2)

Resumo

A Educação Sexual tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois além da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Cada sociedade cria conjunto de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo. A Educação Sexual na escola tem a função de problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho.

Palavra-chave: Educação Sexual, Sexualidade, Escola.

Introdução

Atualmente a participação do professor no desenvolvimento das atividades escolares é significativo, pois os profissionais da educação consideram de extrema importância o acompanhamento de um orientador sexual na escola considerando que auxilia no apoio ao aluno, estimulando a expectativa e o interesse do adolescente com relação ao seu desenvolvimento sexual e social.

Entretanto, muitos educadores acreditam que a orientação sexual do aluno não é apenas de responsabilidade do professor. Muitas escolas tem recorrido a figura do Orientador educacional, que nem sempre tem uma formação e/ou uma preparação mais específica para lidar com a temática (AQUINO, 1997).

Mediante o acompanhamento nas atividades escolares foi observada a necessidade de pesquisar sobre o tema Educação Sexual. O que nos despertou o interesse pelo assunto foi vivenciar, principalmente nas escolas, gravidez na adolescência.

Atualmente a educação sexual tem sido questionada e avaliada, alertando-se os alunos sobre os riscos das doenças sexualmente transmissíveis.

A curiosidade de descobrir a sexualidade se manifesta na mais tenra idade, o que representa um verdadeiro privilégio para o educador, pois essa curiosidade é importante para reflexão e discussão das questões para as quais a ciência tem e procura uma resposta (AQUINO, 1997).

Nesse enfoque, a educação sexual passa a ser encarada como atividade humana em processo de aprendizagem e com vinculação social, que no fazer pedagogia problematizadora, flexível e criativa, proporcionando ao cidadão comum uma formação básica em educação sexual.

Essa visão da sexualidade favorece ao educando a compreensão das relações existentes entre o homem e a mulher, não necessariamente que seja com pessoas do mesmo sexo ou de sexo oposto. Mas é obrigatório o uso do preservativo que previne contra uma gravidez indesejada e DSTs.

O presente estudo tem como objetivo discutir a orientação sexual e a forma como é trabalhada nas escolas.

Considerações sobre a sexualidade

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais. Se por um lado, sexo é expressão biológica que define em conjunto de características anatômicas e funcionais genitais e extragenitais, a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria um conjunto de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo (GEWANDSZNAJDER, 2006). Nesse sentido, a proposta de Educação Sexual considera a sexualidade nas suas dimensões biológicas, psíquicas e sociocultural.

A sexualidade se inicia na infância e na adolescência, os contatos de uma mãe com seu filho despertam nele as primeiras vivências de prazer. Essas primeiras experiências sensuais de vida e de prazer não são essencialmente biológicas, mas constituirão o acervo psíquico do indivíduo, será embrião da vida mental no bebê. A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância. A sua vivência saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de desenvolvimento global dos seres humanos (COSTA, 1986).

A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz em seu corpo e aos jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou julgamento do mundo adulto em que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica (COSTA, 1986).

Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só anatômicas, mas também com todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher. A construção do que é pertencer a um outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas a sexualidade e pelos padrões socialmente

estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são originados das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos e transmitidas pela educação, o que atualmente recebe a denominação de relações de gênero. Essas representações absorvidas são referências fundamentais para a constituição da identidade da criança.

As formulações conceituais sobre sexualidade infantil dotam do começo do século XX e ainda hoje não são conhecidos ou aceitas por parte dos profissionais que se ocupam de crianças inclusive educadores. Para alguns as crianças são seres puros e inocentes que não tem sexualidade a expressar, e as manifestações de algo feio, sujo, pecaminoso, cuja existência se deve a má influência de adultos. Entre outros educadores, no entanto, já se encontram bastante difundidas as noções da existência e da importância da sexualidade para o desenvolvimento de crianças e jovens (GEWANDSZNAJDER, 2006).

Em relação à puberdade, as mudanças físicas incluem alterações hormonais que, muitas vezes, provocam estados de excitação incontroláveis, ocorre intensificação da atividade masturbatória e instala-se a função genital. É a fase das descobertas e experimentações em relação à atração e as fantasias sexuais. A experimentação dos vínculos tem relação com rapidez e a intensidade da formação e da separação de pares amores entre os adolescentes.

É uma situação bastante atual e presente no cotidiano de todos os profissionais da educação a postura a se adotada, dentro da escola, em face das manifestações da sexualidade dos alunos. Daí, a presente proposta de pesquisa e trabalho que legitima o papel e delimita atuação do educador neste campo.

A partir da conceituação da sexualidade e do reconhecimento de sua importância no desenvolvimento global, serão apontados as possibilidades e os limites da atuação nesse campo para os educadores.

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Educação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

Segundo Aquino (1997), o trabalho de Educação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. A Educação Sexual não-diretiva aqui proposta será constituída ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro de limites da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. Tal postura deve inclusive auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como uma vivência pessoal. Apenas os alunos que demandem atenção e intervenção individuais devem ser atendidos separadamente do grupo pelo professor ou orientador na escola e, dentro desse âmbito, poderá ser discutido um possível encaminhamento para atendimento especializado.

A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando, se não uma intenção total, o que é impossível se conseguir, uma condição de maior distanciamento pessoal por parte dos professores para compreender essa tarefa. Por exemplo, na discussão sobre a virgindade entre um grupo de alunos com seu professor abordam-se todos os aspectos e opiniões sobre o tema, seu significado para meninos e meninas, pesquisa-se suas implicações em diferentes culturas, sua conotação em

diferentes culturas, sua conotação em diferentes momentos históricos e os valores atribuídos por distintos grupos sociais e contemporâneos. Após essa discussão é uma opção pessoal do aluno tirar ou não uma conclusão sobre o tema virgindade naquele momento, não sendo necessário explicitá-lo para o grupo. Já no espaço doméstico o mesmo tema, quando abordado, suscita expectativas e ansiedades dos pais, questões muito diferentes das discutidas em sala de aula (AQUINO, 1997).

Assim propõe-se que a Educação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opiniões a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Orientação Sexual em escolas realizam trabalhos importantes e apontam resultados no rendimento escolar, devido ao alívio de tensões e preocupação com as questões da sexualidade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula.

O educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e jovem, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento.

O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexões sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Educação Sexual.

Segundo Tiba (2008), ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas. O professor assim como o aluno, possui expressão própria de sua sexualidade que se traduz em valores, crenças, opiniões e sentimentos particulares. Não se pode exigir do professor uma isenção absoluta no tratamento das questões ligadas à sexualidade, mas a consciência sobre quais são os valores, crenças, opiniões e sentimentos que cultiva em relação à sexualidade é um elemento importante para que desenvolva uma postura ética na sua atuação junto aos alunos.

Para isso, o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora. Informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimento sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo e melhores condições de preservação às doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual (TIBA, 2008).

Por entender que a abordagem oferecida acontece a partir de uma visão pluralista de sexualidade e o papel da escola é abrir espaço para que isso pluralidade de concepções, valores e crenças possa se expressar, não

compele à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. Antes, caberá a escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pela família.

As questões referentes à sexualidade não se restringe ao âmbito individual. Pelo contrário, muitas vezes, para compreender comportamentos e valores pessoais é necessário, contextualizá-lo social e culturalmente (SUPLICY, 1988). É nas relações sociais que se definem, por exemplo, os padrões de relação de gênero, o que homens e mulheres podem e devem fazer por serem homens e mulheres, e, principalmente, quais são e deverão ser os direitos de cidadania ligados à sexualidade e à reprodução. O alto índice de gravidez indesejada na adolescência, abuso sexual e prostituição infantil, o crescimento da epidemia de AIDS, a discriminação salarial das mulheres no mercado de trabalho, são algumas das questões sociais que demandam posicionamento em favor de transformações que garantam a todos a dignidade e a qualidade de vida prevista pela constituição brasileira (SUPLICY, 1988).

Por outro lado, os valores que se atribuem à sexualidade e aquilo que valoriza são também produtos socioculturais. Como nos temas e códigos de valores se contrapõem e disputam espaço. A exploração comercial, a propaganda e a mídia em geral têm feito uso abusivo da sexualidade, impondo valores discutíveis e transformando-a em objeto de consumo.

Assim, como indicam inúmeras experiências pedagógicas, abordagem da sexualidade de no âmbito da educação precisa ser explícita, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir e possibilitar uma aprendizagem e um desenvolvimento crescentes.

Segundo proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), a Orientação Sexual caracteriza-se por trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão e a ressignificação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, que tantas vezes prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades. É importante se abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que se refere aos aspectos biológicos, mas também e principalmente aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos dessa sexualidade.

No trabalho de Educação Sexual são muitas as questões às quais se devem estar atento. Em primeiro lugar, trata-se de temática muito associada a preconceitos, tabus, crenças ou valores singulares. Para que o trabalho de Educação Sexual possa se efetivar de forma coerente com a visão pluralista de sexualidade aqui proposta; é necessário que as diferentes crenças e valores, as dúvidas e os questionamentos sobre os diversos aspectos ligados a sexualidade encontrem espaços para se expressar. Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar e reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.

A sexualidade provoca nas crianças uma grande variedade de sentimentos, sensações de dúvida. Embora não sejam possíveis de serem programadas, elas acontecem inevitavelmente e, para isso, o professor deverá estar preparado. Deverá se planejar para trabalhar essas situações no momento em que elas acontecerem à atitude do professor de acolhimento a essas expressões e disponibilidade para ouvir e responder as questões da sexualidade é fundamental (TIBA, 2008).

A partir da puberdade, os alunos também já trazem questões mais polêmicas em sexualidade, já apresentam necessidade e melhores condições de refletir sobre temáticas como aborto, virgindade,

homossexualidade, pornografia, prostituição e outras. Se os alunos se informam sobre o aborto surgem à discussão sobre as complexas questões que ele envolve. Se antes os alunos recebiam mensagens sobre os valores associados à sexualidade, agora vão discutir, questionar e configurar mais claramente seus próprios valores.

Ao questionar e criticar os tabus e preconceitos ligados à sexualidade com conhecimentos e informações visão a promoção do bem-estar e da saúde o que significa que tanto a concepção quanto, os objetivos e conteúdos propostos por Educação Sexual encontram se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento.

As manifestações da sexualidade infantil mais frequentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com os colegas, nas piadas e músicas de duplo sentido que se refere ao sexo, nas perguntas ou ainda na reprodução de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta (AQUINO, 1997).

No espaço doméstico, os familiares atribuem seus próprios valores a essas manifestações, por meio das demais variadas posturas. Alguns reconhecem como legítimo o desejo da criança, outros o consideram nocivo.

Essas manifestações também acontecem no espaço escolar e é necessário que a escola, instituição educacional, se posicione clara e conscientemente sobre referência e limite com as quais irá trabalhar as expressões de sexualidade dos alunos. Se é pertinente ao espaço da escola o esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre a sexualidade, é importante que a escola contribua para que a criança discrimine as manifestações que fazem parte da sua intimidade e privacidade das expressões que são acessíveis ao convívio social.

As manifestações mais frequentes nessa fase inicial são a manipulação curiosa das genitais e as brincadeiras que envolvem contato corporal nas regiões genitais. A intervenção do educador nessas situações deve se dar de forma a apontar a inadequação de tal comportamento às normas do convívio escolar. Não se trata de, portanto de julgar tais manifestações, mas apenas de delimitar a inadequação do espaço da escola para sua afetivação (COSTA, 1986). Cabe ao educador compreender, então, que não se trata de aberração que justifique informar aos pais sobre tais fatos, devendo a própria escola estabelecer diretamente com seus alunos os limites para o que pode ou não ocorrer dentro dela. A chamada dos pais só se justifica quando forem práticas muito recorrentes e estejam interferindo nas possibilidades de aprendizagem do aluno.

É comum nessa fase a curiosidade sobre concepção e parto, relacionamento sexual ou AIDS. Muitas vezes a curiosidade se expressa de forma direta. Outras vezes surge encoberta em brincadeiras erotizadas, piadas, expressões verbais, músicas e outras. Observa-se também que as crianças reproduzem manifestação de sexualidade adulta vistas na TV ou presenciadas. Cabe ao educador identificar essas manifestações como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e intervir pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma explícita e direta. Essa intervenção deve esclarecer as dúvidas dos alunos e se o tema for interessante e de interesse geral, o professor deve oferecer espaço para discussão e esclarecimento.

Ao definir o trabalho com Educação Sexual como uma de suas competências, a escola estará incluindo-o no seu projeto educativo. Isso implica uma definição clara dos princípios que deverão nortear o trabalho de Educação Sexual e sua explicitação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo dos alunos. Esses princípios determinarão desde a postura que se deve ter em relação às questões relacionadas à sexualidade

e suas manifestações na escola, até a escolha de conteúdos a serem trabalhados junto com os alunos. A coerência entre os princípios adotados e a prática cotidiana da escola deverá pautar todo o trabalho.

Para garantir essa coerência ao tratar de tema associado à tão grande multiplicidade de valores, a escola deverá estar consciente da necessidade de se abrir um espaço para reflexão como parte do processo de formação constante de todos os envolvidos no processo educativo.

A Educação Sexual visa contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que, de um lado, se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro, e, por outro lado, busca garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

A grandeza de um ser humano não está no quanto ele sabe, mas no quanto ele não tem consciência que não sabe. O destino não é frequentemente inevitável, mas uma questão de escolha. Quem faz escolha, escreve sua própria história constrói seus próprios caminhos.
(Augusto Cury)

A Escola e a Educação para a Sexualidade

Educação Sexual está predominantemente ligada à compreensão de informações sobre sexualidade. A curiosidade gira em torno da tentativa de compreender o que é o relacionamento sexual, como ele ocorre, as transformações no corpo durante a puberdade e os mecanismos da concepção, gravidez e parto. Todas as pessoas curiosidades são importantes de serem contempladas pelo professor, assim como ação reflexiva quanto aos preconceitos em relação aos comportamentos ligados às meninas e aos meninos. Além dessas questões, é comum que a curiosidade acerca de outros fatos e informações se expresse. Questões como o que é aborta, por exemplo, são comuns e deverão ser respondida e tratada de forma direta.

A vivência da sexualidade em cada indivíduo inclui fatores de ordens distintas aprendizado, descoberta, e invenção. A Educação Sexual deve se nortear pelas questões que pertencem à ordem do que pode ser apreendido socialmente, preservando assim a vivência singular das infinitas possibilidades da sexualidade humana, e pelas pertinentes ordens do que pode ser prazerosamente aprendido, descoberto e inventado no espaço da privacidade de cada um. Assim, busca-se selecionar os conteúdos segundo critérios de relevância sociocultural, isto é, conteúdos que correspondam às questões apresentadas pela sociedade no momento atual. Consideração às dimensões biológicas, psíquica e sociocultural da sexualidade, buscando contemplar uma visão ampla e não reducionista das questões que envolvem a sexualidade e o seu desenvolvimento no âmbito pessoal, possibilidade de conceber a sexualidade de forma saudável, prazerosa e responsável.

A Educação Sexual pode e deve ser flexível, de forma a abranger as necessidades específicas. Como decorrência, pode-se encontrar programas bastante diversificados que incluem tópicos como pornografia, prostituição, abuso sexual, métodos contraceptivos, desejo sexual, transformações do corpo na puberdade, iniciação sexual, masturbação e muitos outros mais.

Os conteúdos de Educação Sexual devem ser de forma a garantir informações e discussões básicas sobre sexualidade. Esses conteúdos devem possibilitar a abordagem das diferentes assuntos, que variam de acordo com a faixa etária, cultura regional e fatos contemporâneos veiculados pela mídia ou vividos por uma

dada comunidade. O desafio que se coloca é o de dar visibilidade a esses aspectos, considerados fundamentais, porém, há uma estreita ligação entre eles o que forma uma unidade coerente com a concepção de sexualidade adotada.

Para a compreensão da abordagem proposta em Educação Sexual, deve-se ter em mente a distinção entre os conceitos de organismo e corpo. O organismo se refere ao aparato herdado e constitucional, a infraestrutura básica biológica dos seres humanos. Já o conceito de corpo diz respeito às possibilidades de apropriação subjetiva de toda experiência e desejo se mostrará um corpo.

Quando falamos em sexualidade, a maioria das pessoas faz uma associação direta com sexo, como se fossem sinônimos. Sexo e sexualidade são palavras diferentes e com significados diferentes. Sexualidade é uma dimensão inerente da pessoa e que está presente em todos os atos de sua vida. É um elemento básico da personalidade que determina no indivíduo um modo particular e individual de ser, de manifestar-se, de comunicar-se de sentir de expressar e de viver o amor. Sexualidade é auto-identidade, é a própria existencialidade.

A genitalidade é uma função dos órgãos genitais, um fenômeno fisiológico para satisfazer o instinto. Existe também sem a participação da relação, sem uma união afetiva. Entretanto, a sexualidade, tem uma dimensão tipicamente pessoal e humana. Claro que também compreende a genitalidade, porém a supera e transcende, chegando a um contexto muito mais rico de valores. Esta sobrepõe-se aos limites do impulso genital, que não é mais que um dos muitos elementos de uma relação sexual em que intervém sobre tudo a afetividade, a fantasia, a emoção e a comunicação. Entende-se por sexo, o conjunto de características anatômicas que determinam que os indivíduos sejam masculinos ou femininos.

A sexualidade é a forma de comunicação que pode ser aprendida, controlada e dominada pela consciência, à vontade e a liberdade dos indivíduos. A linguagem de entendimento do casal humano tem múltiplas formas de manifestação, segundo a idade, sexo, costumes, valores e normas existentes.

Envolvida por um conjunto de fatores culturais, que têm sido expressas pelas diferentes culturas de maneira diferenciada por sexo em cada etapa da vida. Sexualidade por tanto, é material de aprendizagem. Como diz Paulo Freire: “Somos corpos programados para aprender”. A sexualidade tem sido intensamente explorada pelos meios de comunicação, principalmente nos últimos 20 anos, tanto com a finalidade de lançar picos de audiência como de fazer marketing de produtos variados. A televisão é o principal comunicador de massa da atualidade, conseqüentemente educa, cria padrões e dissemina informações. Infelizmente, um meio com tal capacidade tem sido usado frequentemente de maneira inadequada, gerando deseducação, repetindo padrões irreais e omitindo e/ou deturpando informações.

A Sexologia, como ciência do comportamento sexual é reconhecida no mudo acadêmico. Por ser dividida em uma área preventiva, educação sexual e outra curativa sexologia clínica medicina e terapia sexual. Trata-se de uma área de atuação de médicos e psicólogos com uma demanda muito grande atualmente. Felizmente, o profissional médico pode contar com avanço da farmacologia sexual propiciado pelas pesquisas da indústria farmacêutica.

Pode parecer estranho, mas o surgimento do Viagra ofereceu ao homem a possibilidade de diminuir a distância entre o que é sexo e sexualidade. Efetivo e segura, sob orientação médica, constitui em um dos maiores aliados contra a atual epidemia de infelicidade conjugal.

Considerações finais

Com o avanço da urbanização, vem sendo marcado por profundas transformações sociais, e econômicas, culturais, éticas e mesmo ao nível do comportamento humano faz-se necessário um apoio especial a Educação Sexual. Havendo um consenso em torno da família como espaço privilegiado para a prática de valores comunitários e o aprofundamento de relações. Reitera-se também a permanência de suas funções, consideradas insubstituíveis quanto a assistência, promoção de valores, educação, proteção aos seus membros e, sobretudo, lugar de encontro de gênero e gerações.

Não resta dúvidas de que a situação de bem estar das crianças e dos adolescentes, encontra-se diretamente relacionado à possibilidade de manterem um vínculo familiar estável, evitando assim a prostituição infantil. Nesta perspectiva a presença coletiva percebe a convivência familiar como um aspecto essencial de seu desenvolvimento e como um direito inalienável.

A promoção e o apoio ao aluno, sobretudo aquele de situação mais vulnerável e o reconhecimento do mesmo enquanto agente social ativo e objeto em desenvolvimento sexual constituem-se valores e fatores decisivos na busca dos objetivos prioritários e humanos. A Educação Sexual é um fator importante na sociedade pelo fato exposto pensa-se a necessidade de valorização da família, enquanto locus de produção de identidade social básica para qualquer criança e adolescente, tendo em vista a formação de uma cidadania ativa.

A construção desta identidade, individual e coletiva, deve, contudo, passar pela tolerância com a diversidade humana. Vale dizer pelo exercício da capacidade de sermos capazes de, em primeiro lugar, enxergar as diferenças étnicas culturais presentes na sociedade, em segundo há que se respeitar politicamente tais diferenças. Dito de outro modo: pode-se experimentar evitar os paradigmas responsáveis em larga medida, pelos preconceitos que produzem a sexualidade.

Num país onde o preconceito e o autoritarismo atuam como antolhos, a impedir a largueza do alcance da visão, há que se lançar mãos de novos instrumentos de análise social para que se possa primeiro conhecer e depois trocar políticas públicas adequadas à realidade histórica concreta. O enfoque dado à questão da Educação Sexual deve valorizar o ser humano e a afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa, é também uma fase de desenvolvimento.

A partir daí, a história da construção sexual da pessoa será construída por uma sucessão de momentos dominantes afetivos, não paralelos, mas integrados. Isso significa que a sexualidade depende, para evoluir de conquistas realizadas no plano afetivo. A idéia das fases do desenvolvimento sexual é bastante familiar; bem menos comum é a noção de etapas da afetividade, fora da psicanálise, onde ela se explica a uma sexualidade que se desenvolve-a margem da racionalidade.

No seu momento inicial, a sexualidade reduz-se praticamente às suas manifestações somáticas, vale dizer, é pura emoção. Até aí, as duas expressões são intercambiáveis, trata-se de uma sexualidade somática, onde as trocas afetivas dependem inteiramente da presença concreta dos parceiros.

Para o entendimento dessa nova forma de ação pedagógica, torna-se imprescindível que o professor compreenda os princípios que norteiam a proposta interdisciplinar, quais sejam de totalidade, de pesquisa, da busca do novo, da sistematização, da consciência crítica e da compreensão de um fato não existe isolado do outro. Mediante a compreensão desses princípios, o professor deverá assumir uma proposta que permita articular

a vida sexual do aluno, não se tratando de transmitir conteúdos isolados, mas em fornecer elementos que possam aproximar-se do conhecimento científico associado a sua prática social.

Por fim deve-se promover a superação da visão restrita de Educação Sexual e a comparação da complexidade da realidade, ao mesmo tempo, resgatar a sexualidade valorizando o homem e a mulher e os colocando na centralidade da produção do conhecimento. Estabelecer para a união sexual um sentido de unidade na diversidade, mediante uma visão de conjunto que permita ao homem fazer sentido dos conhecimentos, de tal modo que possa encontrar a sua identidade sexual e do prazer, na multiplicidade do conhecimento baseado no amor.

Assim, é de suma importância que os gestores induzem e estimulem as linhas de ação coletiva nas escolas intencionalmente voltadas para a construção de um projeto pedagógico que reflita o desejo e o planejamento da Educação Sexual na unidade escolar. Nessa perspectiva, caberá ao conjunto de professores, impulsionados pelos sistemas a sistematização do comprometimento de todos com aquilo que elencou como relevante para orientar as ações da escola em busca de um ensino de qualidade.

Referências

- AQUINO, J.G. (Org.). **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. 4 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1997.
- COSTA, Moacir. **Sexualidade na adolescência: Dilemas e Crescimento**. 6 ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Pluralidade, cultura e Orientação Sexual**. 1997.
- GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Ciências: Nosso Corpo**, 2ª ed., 3ª impressão. São Paulo: Ática, 2006.
- TIBA, I. **O despertar do Sexo**. Vol. 2. Integrare – São Paulo. 2008.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação. 3ª ed. – Brasília. 2001.
- SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescentes : Amor, Homossexualismo, Masturbação, Virgindade, Anticoncepção, AIDS**. 1. ed. São Paulo : FTA, 1988;

Sobre as autoras:

- (1) **Cícera Honório Feitosa** é Educadora, Especialista em Psicologia Aplicada à Educação pela Universidade Regional do Cariri – URCA.
- (2) **Virgínia Torquato Callou** é Graduada em Psicologia. Docente na Universidade Vale do Acaraú – UVA. **E-mail:** virginiacallou@gmail.com

Como citar este artigo (Formato ISO):

FEITOSA, C. H. e CALLOU, V.T. Educação Sexual: Algumas reflexões. **Id on Line Revista de Psicologia**, Fevereiro de 2011, vol.1, n.13, p.32-41. ISSN 1981-1189.